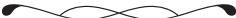


*Senti o sabor da vingança pela primeira vez.
Era em tudo semelhante a um vinho aromático,
quente e estimulante, mas ficou na minha boca
um travo metálico e corrosivo que me deu
a impressão de ter sido envenenada.*

— *Jane Eyre*, Charlotte Brontë

LILLIA



Não conseguia decidir o que vestir. Ainda pensei em algo mais informal, como umas calças de ganga e uma camisa de botões; mas depois achei melhor não. Se os pais dele lá estiverem, o melhor será mesmo levar um vestido, assim algo sóbrio como o meu vestido cinzento com decote redondo e o cinto fininho. Mas fiquei com a sensação de que era um conjunto mais apropriado para um funeral, por isso experimentei um camiseiro de seda dourada que, infelizmente, me pareceu ser demasiado primaveril e festivo.

As portas do elevador abrem-se e saio para o corredor. É segunda-feira de manhã, uma hora antes de as aulas começarem. Trago comigo um cesto de vime cheio de bolachas com pepitas de chocolate acabadas de sair do forno e um postal a desejar as melhoras com marcas de lábios cor-de-rosa e vermelhos. Acabei por me decidir por uma camisola de gola alta azul-escura e uma minissaia castanha, collants de cor creme e botas pelo tornozelo de camurça castanha com salto alto. Encaracolei o cabelo e apanhei-o a meio.

Só espero não parecer tão culpada como me sinto.

Pelo menos não foi tão mau como podia ter sido, é o que repito a mim própria. Mas não foi essa a impressão com que fiquei naquela

noite. Foi horrível: ver o Reeve a cair do palco e a embater com violência no piso do ginásio... é algo que nunca esquecerei. No entanto, apesar da queda aparatosa, não sofreu lesões na coluna, apenas alguns hematomas e inflamação. A única lesão mais séria foi um perónio fraturado (o que não é grande coisa, bem sei).

Ele teria tido alta mais cedo, não fosse o hospital querer fazer vários exames para garantir que o Reeve não tinha tido uma crise epilética. Tanto quanto sei, não fizeram o despiste de drogas. Tinha a certeza de que o fariam, mas a Kat garantiu-me que não o fariam a alguém como o Reeve, um atleta. Por isso, ninguém sabe do comprimido de *ecstasy* que lhe pus na bebida. Ou seja, o Reeve não vai ser suspenso e eu não vou para a prisão. Tudo indica que ele vai ter alta hoje.

Acho que ambos nos safámos de boa.

Agora, é suposto voltarmos às nossas vidas normais (seja lá isso o que for). Depois de tudo o que aconteceu este ano, não sei se voltarei a sentir-me «normal», ou se é isso que quero. É como se houvesse a Lillia Antes e a Lillia Depois. A Lillia Antes era livre e despreocupada; totalmente a leste de tudo. A Lillia Antes não teria conseguido lidar com isto, não saberia o que fazer. Sou muito mais dura agora, deixei de ser boazinha e inocente. Já vi certas coisas e passei por outras tantas. Já não sou a rapariga da praia. Tudo isso mudou no momento em que conhecemos aqueles tipos.

Dantes, tinha medo de deixar Jar Island e de estar longe da minha família e amigos. Mas agora penso que, quando for para a universidade para o ano, ninguém saberá quem é a Lillia Antes ou a Lillia Depois. Serei apenas a Lillia.

A mulher da receção sorri e pergunta:

— Vieste ver a nossa estrela de futebol? — Devolvo-lhe o sorriso e aceno. — Está ao fundo do corredor.

— Obrigada — digo. — Está alguém com ele?

— Aquela morena muito gira — responde-me, com uma piscadela de olho.

A *Rennie*. Acho que não o largou desde sábado à noite. Liguei-lhe duas vezes, mas ela não me ligou de volta. Ainda deve estar chateada comigo por ter sido a rainha do baile de boas-vindas em vez dela.

Caminho pelo corredor, de cesto e postal na mão. Odeio hospitais. Sempre odiei. As luzes fluorescentes, os cheiros... Quando era miúda, tentava sustentar a respiração o máximo que podia. Sou boa a sustentar a respiração, mas já não faço esse jogo.

Quanto mais me aproximo do quarto dele, mais o meu coração dispara. Só ouço os batimentos descompassados e os meus passos no chão de linóleo.

Estou à porta do quarto do hospital. O nome dele está escrito no papel da porta entreaberta. Pouso o cesto para poder bater à porta e ouço a voz do Reeve, rouca e insolente.

— Não me interessa o que dizem os médicos. A minha recuperação não será tão demorada. Estou no auge da minha forma física. Vou voltar ao campo em menos de nada.

Ouçó a *Rennie* a fungar.

— Vamos mostrar-lhes como é, *Reevie*.

Alguém passa por mim. É uma enfermeira.

— Com licença, minha querida — diz-me, antes de abrir a porta para trás. A enfermeira abre a cortina que separa o quarto ao meio e desaparece para o outro lado.

E ali está o Reeve, enfiado numa bata de hospital desbotada. Não fez a barba, tem uns tufo de pelo no queixo e olheiras profundas debaixo dos olhos. Tem uma garrafa de soro espetada num dos braços e a perna está engessada, desde o pé até à coxa. Os dedos dos pés, que espreitam pelo gesso, estão roxos e inchados. Também os braços têm escoriações e estão cobertos de crostas, provavelmente por causa dos vidros partidos que caíram em cima de toda a gente naquela noite. Algumas das feridas maiores foram suturadas com fio preto. Ele parece estranhamente pequeno naquela cama de hospital. Não parece o mesmo Reeve.

Os olhos da Rennie estão vermelhos, e estreitam-se quando me vê.

— Olá.

Engulo em seco e mostro o postal.

— É das meninas da claque. Todas mandam beijinhos e as melhores. — Logo a seguir, lembro-me das bolachas. Avanço para entregar o cesto ao Reeve, mas mudo de ideias e coloco-o numa cadeira perto da porta. — Trouxe bolachas. São daquelas com pepitas de chocolate, as mesmas que fiz para a venda de bolos do Key Club no ano passado e de que tu gostaste. — Porque é que ainda estou a falar?

O Reeve limpa rapidamente os olhos com o lençol. Numa voz roufenha, diz-me:

— Obrigado, mas não como porcarias durante a época de futebol. Não consigo evitar olhar para o gesso dele.

— Tens razão. Desculpa.

— O médico deve estar a chegar para lhe dar alta — diz a Rennie. — É melhor ires andando.

Sinto-me a corar.

— Sim, claro. As melhoras, Reeve.

Não sei se é da minha cabeça, mas quando ele olha para mim por cima do ombro da Rennie, vejo ódio nos seus olhos, que ele cerra logo de seguida.

— Adeus — diz-me.

Vou a meio do corredor quando paro e dou finalmente um suspiro. Sinto os joelhos a tremer. Ainda tenho o postal nas mãos.

KAT



— **M**orreu — digo, e deixo a cabeça cair em cima do volante.
— Está morto e enterrado.

O meu irmão mais velho, o Pat, limpa as mãos a um trapo sujo.

— Kat, deixa-te de dramas e dá à chave.

Eu obedeço, rodando a chave na ignição do nosso descapotável. Não acontece absolutamente nada. Nenhum som, nenhum ruído. Nada de nada.

— Isto é só estúpido — remato, porque mesmo que ninguém perceba mais de motores do que o Pat, a verdade é que este chaço está bom para a sucata. A nossa família precisa de um carro novo, ou pelo menos de um que tenha sido construído nesta década. Saio e bato com a porta com tanta força que todo o descapotável treme. Só me faltava ter de ir a pé para a escola e reparar um frio dos diabos a meio do inverno. Ou pior ainda, ter de apanhar o autocarro. Sou uma finalista, porra!

O meu irmão lança-me um olhar fulminante e volta a concentrar-se no motor. Tem o capô aberto e está debruçado entre os faróis. Alguns dos seus amigos assistem enquanto bebem a cerveja do nosso pai. Para eles, não há melhor programa para uma segunda-feira

à tarde. O Pat pede ao Skeeter uma chave inglesa e depois começa a bater com ela em algo metálico.

Ponho-me atrás dele.

— Talvez seja a bateria — sugiro. — Acho que o rádio se desligou antes de dar o berro.

Tinha sido naquela tarde. Decidi faltar à última aula e ir até casa da Mary. Queria vê-la, porque não a tinha apanhado nos corredores. De certeza que ainda estava muito abalada depois do que acontecera naquela noite, para aparecer na escola. Ela receava que o Reeve se tivesse magoado a sério. Coitadinha. Mas não fui muito longe nos meus planos. O carro foi abaixo no parque de estacionamento da escola.

Pensei logo, *será karma?*

Espero que não, porra.

O Pat vira-se para procurar outra ferramenta e quase me atira ao chão.

— Queres desamparar-me a loja? Vai fumar um cigarro.

Tenho andado um pouco nervosa nos últimos dias. Quem não andaria, depois do que aconteceu no baile de boas-vindas? Nunca esperei ver o Reeve numa maca de ambulância. Queríamos que fosse expulso da equipa de futebol por consumir drogas, não propriamente atirá-lo para uma cama de hospital

Repito para mim mesma que o que aconteceu no baile não foi culpa nossa. Foi um incêndio causado por um fusível. Veio hoje no jornal e tudo. Não há mais nada a dizer. O Reeve caiu do palco porque se assustou com as explosões antes do incêndio, não pela droga que a Lillia lhe meteu na bebida. Factos são factos.

Muito sinceramente, o incêndio foi um mal que veio por bem. Claro que é uma pena que algumas pessoas tenham ficado feridas: uns quantos miúdos tiveram de levar pontos por causa dos vidros partidos, um caloiro sofreu queimaduras no braço por causa das faíscas e um dos professores mais velhos teve de receber tratamento por inalação de fumo. Trocadilhos à parte, o incêndio aca-

bou mesmo por evitar que nos queimássemos com esta situação. A lesão do Reeve foi apenas mais uma consequência do caos que se instalou. Com tudo o que se passou, era impossível ele lembrar-se de que a Lillia lhe tinha dado uma bebida adulterada.

Pelo menos é o que lhe estou sempre a dizer, para não a preocupar.

O Pat levanta a vareta do óleo, mostra aos amigos e abana a cabeça, como se tudo aquilo fosse uma grande piada de mau gosto.

— Bolas, Kat, quando foi a última vez que verificaste o óleo?

— Pensei que isso era contigo.

— Faz parte da manutenção básica de qualquer carro.

Reviro os olhos.

— Ficaste com o meu tabaco?

— Tirei um ou dois cigarros — diz-me ele, armado em sonso enquanto aponta para a bancada. Vou buscá-los ao sítio indicado e é claro que fumou tudo, embora eu tenha acabado de os comprar. Atiro-lhe o maço vazio à cabeça.

— Queres boleia até ao posto de gasolina? — pergunta-me o Ricky, de capacete na mão. — Seja como for, tenho de atestar a mota.

— Obrigada, Ricky.

Quando saímos da oficina, o Ricky põe a mão nas minhas costas. Penso logo no Alex Lind no baile de boas-vindas, na forma cavalheiresca como afastou a Lillia do pandemónio e a levou para um lugar seguro. Preferia não ter visto aquilo. Não que tenha ciúmes ou algo que se pareça, mas aquela lamechice deu-me a volta ao estômago. Será que estava só a ser simpático, ou gosta mesmo dela? Para mim tanto faz, obviamente.

Quando monto na moto do Ricky, aproximo-me o mais possível dele, quase a fazer conchinha. Ele vira-se para trás e diz-me, em voz baixa:

— Sabes que estás a dar cabo de mim, não sabes? — antes de fechar o visor do capacete.

Vejo o meu reflexo no capacete, e a verdade é que estou mesmo gira. Pisco-lhe o olho e faço um ar inocente.

— Dá-lhe gás — ordeno, e ele faz o motor rosnar para mim.

A verdade é que posso ter o tipo que quiser, incluindo o Alex Lind.

O sol começa a pôr-se num céu cinzento e as estradas estão quase desertas. É o outono a chegar a Jar Island. Mais de metade da população do verão desaparece. Aparecem alguns turistas que vêm ver as folhas a cair, mas fica tudo praticamente parado. Já muitos restaurantes e lojas deram a temporada por encerrada. É deprimente. Mal posso esperar pelo próximo ano, quando for viver para outro sítio. Para o Ohio, espero eu, para um dormitório da universidade Oberlin. Mas qualquer sítio é melhor do que este.

Enquanto o Ricky atesta a mota, compro um maço de tabaco na loja de conveniência. Os cigarros estão caros. Devia deixar de fumar e poupar dinheiro para a universidade. Quando volto para junto dele, vejo a grande colina que vai dar a Middlebury, à casa da Mary.

— Ricky, estás com pressa?

Ele sorri.

— Para onde vamos?

Aponto o caminho para casa da Mary. Ninguém vem abrir a porta, nem mesmo a tia esquisita. Há montes de correspondência a sair da caixa de correio, e o relvado está mais desgrenhado do que o pelo do *Shep*, o meu cão. Dou a volta ao edifício e encontro uma pedra para atirar à janela do segundo andar. As luzes no quarto da Mary estão apagadas, as cortinas fechadas. Procuro sinais de vida nas outras janelas. Tudo escuro. A casa é... assustadora. Deixo a pedra cair no chão.

Quem me dera poder falar com a Mary por um segundo que fosse, para a deixar mais descansada. Ela não tem motivo para ter remorsos. Não devia sentir-se mal pelo que aconteceu. Aquele idiota teve o que mereceu, ponto final. Agora que a vingança está consumada, espero que a Mary consiga seguir em frente com a sua vida e não desperdice nem mais um segundo com o Reeve Tabatsky.

MARY



Há dois dias consecutivos que não paro de chorar. Não consigo comer nem dormir. Não consigo fazer nada.

Ouçó a tia Bette na casa de banho, a lavar a cara e os dentes. É a sua rotina noturna. Antes de se deitar, para no meu quarto. Tem o roupão apertado na cintura e um jornal debaixo do braço. Estou deitada a olhar para o teto. Nem consigo dizer boa noite. A tia Bette fica ali a observar-me durante uns segundos e depois diz:

— Saiu uma notícia sobre o baile de boas-vindas. — Mostra-me o jornal. A história da primeira página diz respeito ao baile e ao incêndio. Há uma fotografia do ginásio, fumo negro a sair pelas janelas, um monte de alunos a saírem pela porta. — Dizem que foi um problema elétrico.

Viro-me para o outro lado, para a parede, porque não quero falar sobre o baile. Nem quero pensar nisso. Já matutei sobre o assunto vezes sem conta, especialmente sobre o facto de ter corrido tão mal.

Estava finalmente pronta para que ele me visse naquela noite, com o meu belo vestido, imponente, forte e tão diferente da Mary que ele conheceu. Tinha uma ideia de como tudo se ia passar: o plano era que o Reeve, completamente alterado por causa das drogas

que lhe tínhamos dado, reparasse em mim no meio da multidão. Haveria algo em mim que lhe pareceria familiar. Sentir-se-ia atraído por mim e achar-me-ia bonita.

Sempre que os nossos olhares se cruzassem, eu tocaria no meu fio com o pendente em forma de margarida que ele me tinha dado nos anos, sorriria e esperaria que percebesse quem eu era. Entretanto, os professores reparariam nas atitudes cada vez mais estranhas do Reeve e dar-se-iam conta de que algo não estava bem. E, quando ele finalmente me reconhecesse, seria levado para o gabinete do diretor e receberia o merecido castigo.

Só que não foi isso que aconteceu. Nem por sombras.

O Reeve percebeu quem eu era assim que me viu. Apesar de todas as diferenças desde o sétimo ano, ele viu a rapariga gorda que tinha sido tola ao ponto de acreditar que ele era amigo dela. O Reeve viu a *Big Easy*. Ouvi-lo dizer aquilo deixou-me sem fôlego, tal como tinha acontecido quando me empurrou para a água fria e escura. Aquela miúda gorda era tudo o que eu tinha sido para ele. Nada mais. Fiquei tão zangada que perdi a cabeça.

— Parece que um dos alunos que se magoou era uma estrela de futebol no liceu.

— Chama-se Reeve — digo em surdina. — Reeve Tabatsky.

— Eu sei. — Ouço a tia Bette a aproximar-se. — Era o rapaz que costumava meter-se contigo, Mary. — Em vez de lhe responder, cerro os lábios. — Tivemos uma longa conversa sobre ele enquanto bebíamos chocolate quente quando vim aqui passar o Natal, lembraste?

Sim, lembro-me. Esperava que a tia Bette tivesse bons conselhos para mim, uma forma que levasse o Reeve a ser como era durante as nossas viagens de ferry, mas quando havia mais gente à volta. Pensei que ela iria compreender. Mas a tia Bette disse-me apenas para contar tudo a um professor da próxima vez que o Reeve gozasse comigo à frente dos outros miúdos.

— Vais ver como ele te deixa em paz — dissera.

Fazer com que o Reeve me deixasse em paz? Era a última coisa que eu queria.

Foi nesse momento que soube que nenhum adulto conseguiria compreender. Ninguém perceberia o tipo de relação que eu e o Reeve tínhamos.

Consigo ouvir a respiração entrecortada da tia Bette perto da minha cama.

— Por acaso, tu...

Viro-me para ela.

— Eu, o quê?

Disse aquilo de forma muito agressiva, mas não consegui evitar. Será que ela não percebe que não me apetece falar? A tia Bette abre muito os olhos.

— Nada — diz ela, e sai do quarto.

Não aguento mais. Levanto-me, visto uma camisola por cima da camisa de dormir, calço os ténis e saio pela porta das traseiras.

Caminho pela Main Street até chegar aos penhascos. Havia um que eu adorava porque tinha uma vista desafogada.

Mas esta noite, só se vê escuridão do cimo do penhasco. Escuridão e silêncio, como se fosse o fim do mundo. Arrasto os pés até que as pontas dos ténis fiquem penduradas na rocha. Caem algumas pedras da borda, mas não as ouço a bater na água. É uma queda sem fim.

Em vez disso, ouço o Reeve a sussurrar-me no baile. *Big Easy*. Como um eco, vezes sem conta. Cerro os punhos, numa tentativa de afastar a lembrança do que aconteceu a seguir da minha cabeça. Mas não resulta. Nunca resulta.

Houve outras alturas em que aquilo aconteceu, como quando a Rennie caiu da pirâmide da claque e aquela ocasião em que todas as portas dos cacifos se fecharam ao mesmo tempo.

Passa-se alguma coisa comigo. Há algo de... errado.

Uma nuvem afasta-se da Lua, como o pano numa peça de teatro. A luz reflete na rocha molhada e faz tudo refulgir.

Há um caminho onde as rochas se inclinam para fora do penhasco numa escadaria tosca. Desço por elas até onde é possível. Olho para o horizonte. As ondas rebentam muito abaixo de mim, embatendo nas rochas e espalhando uma neblina pelo ar.

Mais um passo... mais um passo e tudo desaparece. Tudo o que fiz e tudo o que me fizeram desaparece na esteira das ondas.

De repente, há uma rajada de vento e um salpico de água que quase me derrubam. Caio de joelhos e rastejo para trás pelo mesmo caminho.

Há uma coisa que não posso esquecer.

O Reeve.

Amo-o, apesar de tudo o que me fez. Amo-o mesmo quando o odeio. Não sei como pôr um fim ao que sinto, ou agir de maneira diferente.

E o pior é que não sei se quero.

UMA
SEMANA
DEPOIS

CAPÍTULO 1

MARY



Quando o sol da manhã de segunda-feira entra pela minha janela, algo me diz para sair da cama em vez de me virar para o outro lado, como tenho vindo a fazer há já uma semana. Há algum tempo que sei que devia voltar para a escola, mas não tenho conseguido ganhar coragem para que isso aconteça. Por isso, tenho o costume de deixar-me ficar na cama.

Mas hoje tudo parece diferente. Não sei bem porquê. É só um pressentimento, como se precisasse de estar lá.

Faço tranças no cabelo e visto umas jardineiras de bombazina que terminam numa saia curta, uma camisa de botões e um casaco de malha. Estou nervosa por ver o Reeve. Estou nervosa com medo de que volte a acontecer... algo de mau. Já para não falar em todas as aulas que perdi. Nem sequer tentei fazer os trabalhos de casa. Os meus livros e todos os meus cadernos ficaram fechados na minha mochila, intocados, no canto do meu quarto. Pego-lhe por uma alça e ponho-a ao ombro. Não quero pensar em como vou recuperar o tempo perdido. Logo arranjo maneira.

Contudo, quando ponho a mão na maçaneta da porta e tento rodá-la, esta não se mexe.

Isto costuma acontecer em nossa casa, sobretudo no verão, quando a madeira incha com a humidade. As portas são muito antigas e as ferragens também. É uma grande maçaneta de vidro montada numa placa de latão e uma fechadura com chave-mestra, daquelas que já nem sequer há à venda.

Normalmente, é preciso encontrar o jeito para que abra, mas, por mais que tente, ela continua a não ceder.

— Tia Bette? — chamo. — Tia Bette?

Tento abrir novamente, desta vez com um abanão mais forte. É aí que começo a entrar em pânico.

— Tia Bette! Ajude-me!

Por fim, ouço-a a subir as escadas.

— Há algo de errado com a porta! — grito. — Não abre.

Dou-lhe mais um abanão para comprovar o que digo. Quando não ouço nada do outro lado, ajoelho-me e olho pela fechadura, para ter a certeza de que ela ainda está lá fora. Está, sim. Consigo ver a sua saia longa e amarrotada.

— Tia Bette! Por favor!

Por fim, ela entra em ação. Ouço-a a forçar a porta do lado de fora até que ela se abre.

— Graças a Deus — digo, aliviada. Estou prestes a sair para o corredor quando vejo algo no chão. Parece areia branca, ou giz. À esquerda, vejo que foi disposta numa linha fina e perfeita, mas, mesmo à frente da minha porta, a linha foi desfeita pelas pegadas da tia Bette.

Mas que raio...?

Penso em inclinar-me para lhe tocar, mas estou um pouco assustada.

A tia Bette sempre gostou de coisas estranhas, como sálvia e cristais, bem como de canalizar diferentes energias. Trazia sempre bugigangas e amuletos da sorte quando viajava para fora do país. Sei que é tudo inofensivo, mas aponto para o giz e digo:

— O que é isto?

A tia Bette olha para cima, culpada.

— Não é nada. Eu... eu vou limpar.

Aceno enquanto passo por ela.

— Até daqui a umas horas.

— Espera — diz, com urgência. — Para onde vais?

Suspiro.

— À escola.

Com uma voz fina e sumida, diz-me:

— É melhor ficares em casa.

Eu sei que não tive uma semana muito fácil. Já me lamuriei e chorei muito em casa, mas a tia Bette também não tem andado muito bem. Não tem dormido muito. Ouço-a no quarto à noite, às voltas, a suspirar. Quase nunca sai à rua. E já não pinta muito, o que pode ser o aspeto mais preocupante de todos. Quando a tia Bette pinta, sente-se feliz, é tão simples quanto isso. Vai ser bom desamparar-lhe a loja hoje para termos as duas algum sossego.

— Não posso ficar em casa para sempre. — Tenho de seguir o meu instinto. Há algo dentro de mim que me diz para sair. — Vou à escola— repito, desta vez sem sorrir. E desço as escadas, sem aguardar confirmação.

Quando chego ao estacionamento das bicicletas da Escola Secundária de Jar Island, o sol já desapareceu e o ar está agora frio e rarefeito. O estacionamento está vazio, à exceção de alguns professores e das carrinhas dos eletricitas. O sistema elétrico da nossa escola está a ser totalmente renovado depois do incidente no baile. Parece que contrataram todos os eletricitas da ilha, que estão a trabalhar 24 horas por dia para fazerem o trabalho.

Ainda bem que cheguei cedo, antes da maioria dos alunos. Tenho de recomeçar aos poucos.

Para minha surpresa, a Lillia aparece ao meu lado. Tem o casaco fechado e o capuz sobre a cabeça. Está cada dia mais frio.

— Olá — digo timidamente, enquanto tranco a minha bicicleta. É a primeira vez que nos vemos desde o baile. — Chegaste cedo.

— Meu Deus! Estou tão feliz por te ver, Mary. — Quando não respondo de imediato, ela franze a testa. — Estás zangada comigo ou quê? Não me ligaste nem tentaste entrar em contacto. Procurei o número da tua tia na lista telefónica e tentei ligar, mas ninguém atendeu. E a Kat passou por tua casa algumas vezes, só que ninguém abriu a porta.

Acho que foi estúpido pensar que a Lillia e a Kat não iriam reparar que ando a evitá-las. Mas não queria ver ninguém da escola. Não é nada pessoal.

— Desculpa — digo. — Tem sido muita coisa ao mesmo tempo.

— Não faz mal, eu percebo. Tem sido uma loucura. É boa ideia sermos discretas. — Apesar das suas palavras, a Lillia ainda parece triste. — Já sabes que o Reeve vai voltar para a escola hoje?

Engulo em seco. Será que foi por isso que senti que precisava de estar aqui? Porque o Reeve também ia voltar?

— Como é que ele está? Li no jornal que tinha a perna partida.

A Lillia cerra os lábios e diz:

— Ele está bem. Mas acho que não joga mais esta época. — Ela deve ter notado alguma diferença na minha expressão, porque abana rapidamente a cabeça. — Não te preocupes, vai ficar tudo bem. — Recua, afastando-se de mim. — Falamos mais tarde, sim? Tive saudades tuas.

O Reeve está lesionado. E a culpa é minha.

Consegui o que queria. Ou será que não?

Ele vai chegar em breve. Acelero o passo em direção à escola. Quase todas as salas de aula têm grandes buracos abertos nas paredes, para a substituição do sistema elétrico. Tenho de ver bem por onde ando, não vá dar-se o caso de tropeçar no monte de cabos novos que estão espalhados pelos corredores.

Entro na sala de aula e encosto-me ao radiador que está junto à janela, com a saia de bombazina ajeitada por baixo de mim. Deixo um livro aberto no meu colo. Não estou a estudar. Não olho para as páginas uma única vez. Em vez disso, olho através das madeixas do

meu cabelo para o parque de estacionamento que, pouco a pouco, se enche de alunos.

A temperatura desceu para valores negativos pela primeira vez este fim de semana e acho que os porteiros não perderam tempo a fechar a fonte do pátio. Só os fumadores e os corredores de corta-mato conseguem lidar com este frio. Todos os outros se apressam a entrar.

Ouçõ o som grave do motor que faz vibrar a janela. O *SUV* do Alex entra no recinto da escola. Ele estaciona no lugar dos deficientes, perto do passadiço. O Alex sai, passa à frente do carro e abre a porta do passageiro.

Todos os que estão no pátio viram-se para olhar. Também devem saber que ele vai voltar hoje.

O Reeve coloca a perna boa no chão. Traz uns calções de basquetebol e uma camisola com capuz da equipa de futebol. O Alex estende-lhe a mão, mas o Reeve ignora-a, agarra-se à porta e balança a outra perna para fora do veículo. Um molde de gesso branco cobre-lhe a perna desde a coxa até aos dedos dos pés.

O Reeve equilibra-se num pé enquanto o Alex tira as muletas da bagageira. A Rennie salta do banco de trás e tira a mochila do Reeve do banco do passageiro. O Reeve faz um gesto que indica que quer levar as suas coisas, mas ela abana a cabeça, fazendo balançar o rabo-de-cavalo de um lado para o outro. Ele desiste e começa a andar para a escola o mais depressa que consegue com as muletas, o que não deixa de ser muito rápido. Os amigos ficam para trás.

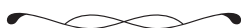
Alguns miúdos correm na direção do Reeve, a sorrir enquanto o cumprimentam. Mas estão todos a olhar para a perna dele. Um tipo tenta agachar-se com uma caneta, para poder assinar o gesso. O Reeve não para. Baixa a cabeça, finge não reparar neles e segue em frente.

É o costume. Todos querem a atenção do Reeve. A maioria nunca a vai conseguir.

Mas eu, ao contrário da maioria, já a tive uma vez.

CAPÍTULO 2

LILLIA



Estou a meio da minha equação de Cálculo quando ouço alguém bater à porta da nossa sala de aula. É a secretária da escola, a Sra. Gardner, que surge com um blazer azul que não a favorece. É demasiado comprido e não lhe acentua as curvas, com botões dourados enormes. Parece que o roubou do armário do marido em 1980. Cá para mim, as mulheres baixas não devem usar blazers (a não ser que sejam curtos e justinhos, com mangas de três quartos). Adiante.

Volto para a minha folha de cálculo. Estamos a resolver problemas derivados. Nem sequer é muito difícil. No ano passado, todos diziam que Cálculo era a cena mais difícil de sempre. A sério?

A Sra. Gardner pousa um papel amarelo na minha secretária. Na primeira linha está escrito *Lillia Cho*. Logo a seguir, *Apresente-se no gabinete de orientação*. Há uma linha com a hora a que devo comparecer. *Imediatamente*.

Sinto um aperto no estômago enquanto passo o cabelo por cima do ombro e arrumo as minhas coisas. O Alex olha para mim quando saio. Sorrio e encolho os ombros, descontraída, como quem diz, *Estranho. O que será que eles querem?*

Ando depressa pelo corredor. Se estivesse em apuros, se alguém tivesse descoberto o que fiz ao Reeve no baile, seria chamada ao gabinete do diretor. Não à orientação.

O Sr. Randolph é o meu orientador desde o primeiro ano. Não é velho. O diploma universitário tem a data de há 10 anos, lembro-me de ter espreitado. Aposto que era giro, mas começou a perder o cabelo, o que é lamentável. Os pais dele são donos dos estábulos onde está o meu cavalo, o *Phantom*. Há placas equestres e medalhas por todo o lado, dos tempos em que ele competia.

Faço um compasso de espera quando chego à porta. Está ao telefone, mas acena-me para entrar.

Sento-me e ensaio na minha cabeça o que vou dizer, caso ele me confronte. Vou franzir o sobrolho e dizer qualquer coisa como: *O quê, Sr. Randolph? Porque faria tal coisa? O Reeve é um dos meus melhores amigos. Isso é ridículo. Nem sei o que dizer.*

Em seguida, cruzo os braços e não digo mais nada até falar com um advogado.

O Sr. Randolph esboça uma expressão de irritação e esfrega a careca. Será que é por isso que ficou careca antes do tempo, por andar ansioso e esfregar a cabeça o dia todo?

— Sim, está bem, está bem. Obrigado. — Desliga o telefone e respira fundo. — Porque estás tão nervosa, Lillia?

Obrigo-me a sorrir.

— Olá, Sr. Randolph.

— Não te tenho visto muito nos estábulos. Não estás a pensar em vender aquele cavalo, pois não?

— Não! Nunca venderia o *Phantom*!

O Sr. Randolph ri-se.

— Eu sei, eu sei. Mas se alguma vez mudares de ideias, sabes a quem deves ligar primeiro, não sabes?

Aceno com a cabeça, mas nunca faria esse telefonema. Nunca venderia o *Phantom*.

— Sei.

— Pois bem... estava aqui a ver as tuas notas. Estás a ter um ótimo aproveitamento, Lillia. Muito bom mesmo. Podes mesmo vir a ser a segunda melhor aluna na formatura.

Sinto uma onda de alívio a percorrer o meu corpo.

— Uau! Isso é incrível. O meu pai vai ficar muito contente.

O Sr. Randolph abre uma pasta com o meu nome. Pergunto-me se vai dizer qual é a minha classificação atual, mas depois ouço:

— No entanto, reparei que ainda não fizeste o teste de natação.

— Oh. — Desde que construíram uma piscina interior em Jar Island, passou a ser obrigatório que todos os alunos tenham aprovação num teste de natação. Faz parte dos requisitos de formatura.

— A menos que seja um erro administrativo.

Remexo-me na cadeira.

— Não, ainda não fiz.

Ele abana a cabeça.

— Sabes que tens de passar no teste de natação para te formares.

— A menos que tenha um atestado médico, certo?

Ele parece surpreso. Aliás: surpreso e desiludido.

— Certo. A menos que tenhas um atestado médico. — Fecha a pasta. — Mas não queres aprender a nadar, Lillia?

— Sei o suficiente para não me afogar, Sr. Randolph — garanto-lhe. — Mas nadar mesmo a sério não é muito a minha cena.

Ele lança-me um olhar como se eu tivesse acabado de dizer um disparate.

— É uma boa aptidão para a vida, Lillia, sobretudo para uma jovem que vive numa ilha. Pode vir a salvar-te a vida. A tua ou a de outra pessoa. Promete-me que vais pensar no assunto.

Vou pensar no assunto. Ou melhor, vou pensar na melhor forma de pedir ao meu pai para me arranjar um atestado médico. Se ele não o fizer, aposto que consigo que a Kat me falsifique um num papel oficial dele.

Quando volto para a sala, vejo alguém a agraphar abóboras em papel no quadro com o calendário de outubro. Passou pouco mais

de um mês desde que eu, a Kat e a Mary nos encontrámos na casa de banho das raparigas. Não sei se foi a sorte ou o destino que nos juntou. O que quer que tenha sido, ainda bem que o fez.

Estamos todos sentados para almoçar e há muita gente que continua a vir ter connosco para assinar o gesso do Reeve. O Reeve que eu conheço teria adorado cada segundo daquela atenção. Mas este Reeve, não. Este Reeve está totalmente a leste. Só quer falar sobre o plano de fisioterapia com a Rennie. Estão os dois do outro lado da mesa, com o gesso no colo dela.

— Enquanto estiver com o gesso, vou concentrar-me apenas na parte superior do corpo. Peito, bíceps, tríceps, costas, tronco. Vou ganhar músculo da cintura para cima. Daqui a três, quatro semanas, tiro este gesso e passo para a hidroterapia.

Fico fascinada a vê-lo despachar dois peitos de frango cozido e um saco de plástico enorme com cubos de cenoura e espinafres. Está a sugar comida como se fosse um aspirador.

— Ontem à noite, encomendei um cinto de flutuação — diz-lhe a Rennie. — Deve chegar no fim da semana.

O Alex tenta convencer o Reeve a ir ao jogo de futebol na sexta-feira, mas claro que o egoísta do Reeve não está para aí virado. O Alex diz-lhe:

— Vá lá, Reeve. Sabes que seria bom para dar apoio moral. Os rapazes ficam acagaçados só de pensar que o Lee Freddington vai voltar a ser o nosso *quarterback*.

— Isso é porque o Freddington não joga um chaveiro — atira o Derek, com a boca cheia de pizza.

Ele tem razão. Tivemos o primeiro jogo sem o Reeve na sexta-feira e foi um desastre. Levámos uma abada de uma equipa que está em penúltimo lugar na nossa divisão.

O PJ junta-se à conversa:

— Precisamos de ti, meu. Podias era dar umas dicas ali ao Freddington.

— Sim — confirma o Alex. — Não precisas de te equipa nem nada. Mesmo que fiques no banco, acho que faria toda a diferença.

O Reeve acaba o seu leite fortificado, limpa a boca e diz:

— Vocês estão por vossa conta agora. Não posso andar com a equipa às costas. Tenho de me preocupar comigo. Se não fizer tudo certinho, não jogo na próxima época.

— Ainda és o capitão da equipa — lembra-lhe o Alex.

— Tenho de me concentrar na minha recuperação — contrapõe o Reeve. — Deito-me às nove e levanto-me às cinco e meia da manhã para treinar. Achas que tenho tempo para ir a um jogo de futebol?

— Pensa nisso — insiste o Alex. — Não tens de decidir já. Vê como te sentes na sexta à noite.

Sinto um aperto no estômago só de ver o Alex a ser tão paciente com a birra do Reeve. Se eu estivesse no lugar dele, mandava o Reeve dar uma curva. Quanto ao Derek, só abana a cabeça, condoído.

— Caraças, pá. Nem acredito que isto te aconteceu. Estava ansioso por te ver a fazer *touchdowns*¹ no canal ESPN, na próxima época.

Reeve enfia um garfo de salada na boca. Mastiga com raiva e diz:

— Ainda me vais ver no ESPN. Conta com isso.

— Sim, Derek — reforça a Rennie, lançando-lhe um olhar fulminante. — A partir de agora, não quero negatividade à volta dele. Só pensamento positivo. — O Reeve levanta-se e apoia-se nas muletas. — Aonde vais?

— Casa de banho.

Ele avança aos solavancos enquanto a Rennie o observa atentamente, pronta para entrar em ação se for preciso. Quando ele desaparece, olha à volta para ter a certeza de que ninguém está a ouvir, e depois vira-se para a Ash:

— Ele está a ser muito forte. Na outra noite, quase chorou nos meus braços quando soube que a Alabama tinha desistido dele.

¹ Jogada mais importante no futebol americano, no valor de seis pontos. [N.T.]

Era uma das suas universidades suplentes! E mesmo assim viu-se obrigado a implorar aos treinadores para adiarem o processo de avaliação para o início da próxima época. — Fecha os olhos e esfrega as têmporas. — Acham que ele não vai recuperar. Estou ansiosa para que ele prove o contrário. — A Rennie bebe um gole de gasosa. — Claro que pode não jogar por uma universidade da primeira divisão, mas qualquer outra da segunda ou terceira divisão teria muita sorte em contar com ele.

— Passaste a noite em casa dele outra vez? — sussurra a Ash.

Outra vez? Estão a dormir juntos? Acredito que a Paige deixaria a Rennie passar a noite em casa de um rapaz, mas sempre pensei que os pais do Reeve fossem mais tradicionais. Vão à igreja todos os domingos, e o Reeve trata o pai por «senhor».

A Rennie passa as mãos pelo cabelo e diz:

— Basicamente, sou a única coisa que lhe dá alento.

— Já houve alguma coisa no sentido de DAR? — pergunta a Ash.

— O que significa DAR? — pergunto.

— Definir a Relação — diz a Rennie, revirando os olhos como se eu fosse uma imbecil por não saber aquilo. Mas não olha para mim. — E não, ainda não o fizemos. Ele tem muito em que pensar. Só quero estar lá para o apoiar. É só disso que ele precisa. — Ela levanta-se e arruma as suas coisas. — Vou à procura dele. — Inclina-se e dá um beijinho na cara à Ashlin. — Adeus, Ash. Adeus, PJ. Adeus, Derek.

Sem sequer olhar para mim, vai-se embora. Ninguém parece reparar que a Rennie se despediu de todos menos de mim. Tem sido assim desde o baile, e cada dia está pior. Tenho a certeza de que ela está zangada comigo, mas zangada a valer. Assim que ela desaparece, é a minha vez de me virar para a Ash:

— A Rennie disse-te alguma coisa? Sobre mim?

A Ashlin muda de lugar, evitando o meu olhar.

— Como assim?

— Tem sido uma cabra para mim desde o baile. Foi por ter sido rainha e ela não? — Mordo o lábio inferior. — Posso dar-lhe a minha tiara, se isso lhe faz tanta diferença.

Por fim, a Ash olha para mim.

— Lil, não é por causa disso. É porque beijaste o Reeve no palco, enquanto estavas a dançar com ele.

Fico de queixo caído.

— Eu não o beijei! Foi ele que me beijou!

— Mas tu deixaste. À frente de toda a gente.

Sinto as lágrimas a surgir.

— Ash, eu não queria! Ele quase que me obrigou. Sabes que nem sequer gosto dele. E porque é que ela está só zangada comigo e não com o Reeve?

A Ash encolhe os ombros, compreensiva.

— É o primeiro amor dela. Ele é o seu Reeve, por isso ela perdoa-lhe tudo e mais alguma coisa.

— Mas não é justo — sussurro.

— Diz-lhe que lamentas o que aconteceu — sugere a Ashlin. — Diz-lhe que nunca pensarias no Reeve dessa maneira.

Franzo o sobrolho e recosto-me na cadeira. Talvez isso melhore a situação, mas duvido.

— Aí é que está — digo. — Não devia ter de o fazer.

TRÊS AMIGAS UNEM-SE NUMA VINGANÇA PARA REDIMIR O PASSADO.

A Lillia, a Kat e a Mary tinham o plano perfeito:
vingarem-se em conjunto de quem as fez sofrer.

E ESTAVA TUDO A CORRER BEM. ATÉ CORRER TUDO MAL.

Depois das consequências desastrosas, o trio decide esquecer o pacto que fez. Além de ter falhado, o plano de vingança acabou por afetar a Mary, cujos acessos de raiva se revelaram devastadores.

Mas a Rennie e o Reeve, os atormentadores do trio, continuam arrogantes e sem sinais de arrependimento. E quem é que gosta de ver os bullies de infância a darem-se bem? Perante tal injustiça, o trio volta à carga. É hora de alguém lhes mostrar o que é sofrer um desgosto. Olho por olho, dente por dente: a vingança serve-se a escaldar!

**INVEJA, FALSIDADE E INTRIGA, UM ROMANCE
QUE DELICIARÁ OS FÃS DE RIVERDALE E DE JENNY HAN.**

**PRECISAS DE MAIS JENNY HAN NA TUA VIDA?
NÃO PERCAS:**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

boldreadspt

penguinlivros

ISBN 9789896235642



9 789896 235642 >